

# As ferrovias metropolitanas de Buenos Aires como problema público: o papel do sistema de comunicação em seu processo de construção

Ezequiel Saferstein<sup>1</sup>  
Candela Hernández<sup>2</sup>

## Resumo

O propósito do presente artigo é abordar o papel do sistema de comunicação na produção dos problemas públicos. Para isso, focamos no processo de problematização social do sistema ferroviário de Buenos Aires, escolha justificada pela relevância que a articulação entre o setor editorial e midiático tiveram em sua difusão. Além disso, o estudo aprofunda nos livros de conjuntura política que abordam a questão ferroviária. Para avançar na análise, utiliza-se uma série de dados quantitativos (registro de livros de conjuntura política publicados entre 2003 e 2015) e dados qualitativos (entrevistas e observações), juntamente com o histórico de pesquisa relevante para a nossa pergunta analítica. O artigo conclui que o espaço editorial operou neste caso como um agente estratégico e hierárquico para a instalação de um tópico para debate público sobre o estado do sistema ferroviário dos passageiros argentinos.

Palavras-chave: problemas públicos; indústria editorial; editoriais; best-sellers, trens urbanos.

## **The metropolitan railways of Buenos Aires as a public problem: the role of the communication system on its construction process**

## Abstract

The aim of these article is to address the role of the communication system in producing public problems. For this, we focus on the public problematization process of the Buenos Aires rail system due to the relevance that the articulation between the publishing industry and the media had in its diffusion. In addition, the study delves into the political conjuncture books that address the railway system issue. To advance through the analysis, the article is based on a series of quantitative data (register of political conjuncture books published between 2003 and 2015) and qualitative data (interviews and observations) along with research background. The article concludes that the space of publishing operated in this case as a strategic and hierarchical agent for the installation of a topic for the public sphere, such as the state of the Argentine passenger railway system.

Keywords: public problems; editorial industry; publishers; best sellers; urban trains.

---

1 Doutor em Ciências Sociais (UBA), pesquisador do Conselho Nacional de Pesquisas Científicas e Técnicas no Centro de Documentación e Investigación de la Cultura de Izquierdas (CeDInCI / UNSAM-CONICET)

2 Doutora em Ciências Sociais (UBA), estagiária pós-doutorado do Conselho Nacional de Pesquisas Científicas e Técnicas no Instituto de Investigaciones Gino Germani (IIGG-FSOC/UBA-CONICET)

## Introdução

Na região metropolitana de Buenos Aires, as ferrovias de superfície de passageiros tornaram-se um tema de controvérsia pública. Este meio de locomoção tem para os habitantes desta região uma função central para a mobilidade diária. Principalmente, é o estruturador das viagens feitas entre a cidade capital e as localidades urbanas periféricas, que podem alcançar até cem quilômetros. Para os passageiros, o uso das ferrovias destina-se principalmente para ir ao trabalho e tem as vantagens de ser um meio rápido, geograficamente acessível e econômico. Entre os anos 2002 e 2015, ocorreu nos trens urbanos uma crescente degradação das condições de prestação do serviço. Por descuido dos empregadores e do Estado, estes sofreram uma acentuada deterioração de sua qualidade, tornando-se para seus usuários um sofrimento cotidiano. Essa condição levou a que a situação fosse progressivamente ocupando lugares como tema de preocupação social no cenário público. O surgimento da temática em diferentes arenas de discussão, tais como o sistema judicial e político, e os diferentes campos da cultura, como a academia, a mídia e o mercado editorial, contribuíram para classificá-lo como objeto de preocupação social.

Esse processo foi conduzido por atores específicos que foram se conformando como referentes ou porta-vozes do assunto. Jornalistas, editores, familiares de vítimas das ferrovias, políticos, juízes e promotores participaram dos debates em torno do tema. A partir do tratamento dado pela imprensa, diferentes controvérsias começaram a luzir e a consolidar a ideia acerca

da existência de uma rede de corrupção como elemento explicativo da baixa qualidade do serviço. O axioma “a corrupção mata” – cunhado após a ocorrência do maior acidente na história das ferrovias metropolitanas da Argentina em 2012 – constitui-se em uma síntese adotada pelo conjunto da sociedade para indicar o caráter do problema que afetava o serviço ferroviário<sup>3</sup>.

O tratamento público da corrupção como um problema não é novo na Argentina. Casos ressonantes de corrupção surgidos na década de 1990 instalaram uma visão dominante em torno da ideia de que essa prática era um elemento transversal e característico do sistema político (PEREYRA, 2013). Esta imagem se traduziu em uma maior atenção e em um acompanhamento detalhado por parte da imprensa em relação a esses eventos. O aumento da cobertura esteve ligado à especialização de jornalistas dedicados a acompanhar o problema, tornando-se verdadeiros especialistas no assunto. Essa habilidade permitiu transcender o setor dos meios de comunicação de massa, traçando relações com outros espaços de produção cultural que também se viram interpelados pelo tema.

Um desses espaços é o editorial que, em articulação com o da mídia, produziu coleções de livros de conjuntura política<sup>4</sup> escritos por jornalistas especializados transformados em autores. Grandes jornais da Argentina, como *La Nación* e *Clarín*, e editoras transnacionais, como *Random House (RH)* e *Planeta*, concentraram um forte poder de difusão e visibilidade, devido ao amplo mercado e à capacidade de atingir grandes segmentos da população. A presença do tema da corrupção nos *mass media*, nas livrarias, bem como nas redes sociais e outros âmbitos,

3 Em 22 de fevereiro de 2012, uma formação da ferrovia da linha Sarmiento colidiu com a barreira de contenção da plataforma dois na estação terminal Once, localizada na cidade de Buenos Aires. O evento deixou um saldo de 52 mortos e 789 feridos (HERNÁNDEZ, 2019). Este acontecimento fez com que os familiares das vítimas se conformassem no movimento organizado para reivindicar justiça e melhorias na qualidade do serviço. Este grupo é o único destas características ligado à ferrovia. Existem antecedentes de familiares que tentaram se conformar como um agrupamento, mas não lograram a repercussão que tiveram os de Once, diluindo-se suas ações ao longo do tempo.

4 Este conceito tem um caráter duplo. É tanto um emergente do trabalho do campo como uma categoria analítica. Os modos de produção e circulação destes livros, suas modalidades discursivas, seus paratextos, sua publicidade, as formas pelas quais os autores constroem-se como marca, o percurso dos livros na mídia e nas redes sociais têm recorrências que permitiriam considerar esse conjunto de livros como um gênero editorial específico, com lógicas e efeitos de sentido particulares (MUNIZ JR e SAFERSTEIN, 2019).

dá conta de um amplo sistema de comunicação que opera como catalisador de temas e debates de interesse público não só na Argentina, mas na América Latina em geral. A relevância dos livros no desdobramento da conformação de problemas públicos não foi ainda suficientemente explorada pela bibliografia dedicada à investigação desse tipo de problema. Com lógicas de produção específicas, os livros prorrogam matérias jornalísticas, expandem e visam conceder-lhes uma maior encarnação social.

O objetivo deste artigo é abordar as relações entre o setor editorial e midiático, a esfera pública e a política na construção de problemas públicos. Com esse objetivo geral, focamos na construção do problema público do sistema ferroviário de Buenos Aires pela relevância que estes setores tiveram em sua difusão. Nesse sentido, surgem as seguintes questões: O que a análise dos modos de produção editorial pode nos dizer a respeito da construção de um problema público? Como os editores trabalham para a publicação de livros de conteúdos conjunturais? Em que medida os autores (jornalistas, em sua maioria) se posicionam como atores legítimos na construção de um problema? Qual é a vantagem simbólica que dá ao tema e ao autor a passagem do jornal para o livro? Como o efeito do livro funciona na esfera pública e quais atores o sustentam?

O trabalho recupera uma série de dados quantitativos e qualitativos: destaca-se um banco de dados construído a partir do registro ISBN de livros sobre a conjuntura política publicados entre 2003 e 2015 por grandes, médias e pequenas editoras e que eles fazem parte de uma investigação mais ampla sobre a produção de livros de política em geral.<sup>5</sup>

Para este artigo foram selecionados os livros que tratassem o tema da corrupção,

transporte e o caso do Once. Como complemento, foi utilizada a análise de uma série de entrevistas em profundidade com editores e autores de livros de conjuntura. Além disso, trabalhamos com antecedentes de pesquisa e com registros de imprensa para contextualizar a emergência pública de livros e identificar suas campanhas de divulgação.

### **Arenas de disputa e circulação de problemas**

A construção de um problema público consiste em um processo coletivo através do qual certas condições são percebidas e definidas como nocivas para uma porção considerável da população e para as quais é considerado que existem soluções possíveis (LOSEKE, 2011; GUSFIELD, 2014). Para que isto aconteça, determinadas circunstâncias devem ser convertidas em assunto de reflexão e em alvo da atuação pública, em cujo processo um conjunto de atores é questionado a participar para disputar os sentidos elaborados em torno de uma problemática relevante.

Nesse movimento, existem diferentes arenas a partir das quais certas problemáticas sociais são publicizadas. Nestas, há uma capacidade limitada de dar tratamento às distintas questões de relevância social que conflitam para configurar-se como temáticas atraentes da controvérsia. Na medida em que um assunto ganha atenção e alcança atravessar diferentes espaços e os atores envolvidos nestes conseguem articular-se para caracterizá-lo, contribuem com a ampliação da atenção na direção de uma construção coletiva compartilhada. Os órgãos de representação política, a comunidade científica, a mídia e o setor editorial são cenários privilegiados para a produção e disseminação de controvérsias e disputas que podem se tornar

---

5 Os dados sobre a produção de livros de situação política foram obtidos no registro da Agência Argentina do ISBN. Como esses livros não possuem critérios homogêneos para registro em termos de seus temas e gêneros de publicação, os critérios de seleção tiveram que ser construídos para permitir a filtragem do registro. Após uma primeira pesquisa manual dos livros sobre a situação política, foi possível constatar que a grande maioria foi classificada em quatro assuntos não exclusivos: “Ensaio Argentino”, “Ensaio Político”, “Ensaio Político Argentino” e “Investigação Jornalística”. Levando em consideração essas entradas, foi construído um banco de dados com os registros tipificados sob esses assuntos e gêneros, que foram intensamente refinados, resultando em um conjunto de 3.856 títulos publicados entre 2003 e 2015.

problemas públicos (HILGARTNER E BOSK, 1988; FRIGERIO, 1997; LOSEKE, 2011).

Em particular, os meios de comunicação têm um tipo de produção conjuntural, cotidiana, que se exercita na administração de acontecimentos relativamente previsíveis ou inesperados que rapidamente resultam em produtos circuláveis (TUCHMAN, 1997). Um dos resultados da atividade jornalística é a notícia. Nela estão presentes critérios para a seleção e inteligência da realidade social, sob a produção de representações que encontram uma circulação rápida e ampla (VALCARCE, 2005).

Nesse terreno, os jornalistas políticos intervêm em diferentes níveis no que diz respeito ao processo de construção coletiva de um determinado problema. Dado seu reconhecimento perante o público, diante de seus pares e também de acordo com a posição ocupada pela empresa da qual fazem parte no campo da mídia, eles são legitimados como vozes autorizadas a atribuir relevância a uma determinada questão, um processo que é evidente a partir da massificação e comercialização do espaço midiático, privatizado e concentrado desde os anos 90. Esses jornalistas atuam como articuladores de âmbitos de discussão, o que aumenta seu peso como autores de livros (BALDONI, 2010).

Historicamente, o setor editorial tornou-se uma indústria cultural com tempos de produção mais longos do que os da imprensa periódica. Os bens que produz (livros) têm potencial na esfera pública pois, em contraste com as notícias, têm a capacidade de conservar-se e resistir ao longo do tempo e propagar mensagens de forma articulada sob a idéia de uma “obra” geralmente acessível a um grupo mais restrito do que a ampla “opinião pública”. Esses fatores caracterizados como “efeito livro”, por Robert Darnton (1993), dão à editora, ao autor e à sua obra uma legitimidade social privilegiada. O “efeito livro” existe porque esse objeto pode preservar e corrigir uma mensagem por escrito; ser transmitido e replicado mais do que a tradição oral permite; suas idéias se materializam em um produto que pode ser amplificado e duradouro; articula uma história

e dá-lhe a forma de uma totalidade; e, por essas razões, possui uma autoridade socialmente construída. O livro é um objeto historicamente valorizado por grupos de pares e pelo público em geral; é assinado por um responsável que, como escritor de livros, se constitui como autor, como referência cultural, intelectual e, em muitos casos, política.

Nesse contexto, o editor é um ator-chave na disseminação de temas de interesse público, selecionando textos, promovendo temas e autores e fazendo-os circular em esferas culturais e políticas mais ou menos amplas (BOURDIEU, 2009). Em sua relação com o sistema de mídia, ele ajuda um jornalista a adquirir popularidade como autor de livros. Isso não implica em um simples complemento ao papel da imprensa, mas uma operação de legitimação cultural protegida por um trabalho e por uma crença coletiva associada ao mundo dos livros (SORÁ, 2008).

Nos últimos anos, a indústria editorial latino-americana entrou em um processo de transformação que a aproximou de várias maneiras à lógica de operação da mídia e do jornalismo (SAFERSTEIN, 2016). No marco dos processos de concentração e transnacionalização de publicações que ocorreram globalmente desde os anos 70, a edição entrou em um paradigma de valorização financeira, cujo principal objetivo é investir para gerar rentabilidade no curto prazo. Os grandes grupos editoriais de capital transnacional controlam os mercados editoriais em nível latino-americano, de mãos dadas com o controle dos principais selos outrora nacionais, como Sudamericana na Argentina e Companhia das Letras no Brasil, ambas de propriedade da Penguin Random House. Os grupos editoriais se expandiram, absorveram editoras familiares e passaram a liderar os mercados latino-americanos, junto com as grandes redes de livrarias (HALLEWELL, 2005). Os grupos editoriais adotaram uma lógica empresarial global, especializaram seu pessoal e incorporaram novos atores ligados ao mundo do marketing e da comunicação (THOMPSON, 2012; BORGES, 2008). Assim, a edição tornou-se um espaço de valorização financeira cujo objetivo

principal é gerar rentabilidade. Para isso, desde que essas transformações ocorreram, a produção de *best-sellers* - livros de venda rápida e massiva - tornou-se um imperativo e não apenas um acaso (DUJOVNE, 2016). Nesse contexto, dos livros de conjuntura política são um dos gêneros editoriais mais rentáveis que respondem a eventos sociais ligados à lógica da agenda midiática e às correntes de opinião em massa.

Longe de esperar que escritores enviem manuscritos às empresas editoriais, os editores “saem a procura” de quem possa escrever os livros que desejam publicar, propondo temas que consideram atraentes para um público leitor. Em seu trabalho diário, eles exibem práticas intuitivas e inventivas, além de uma análise cuidadosa dos meios e eventos da mídia. A construção e o treinamento de seu sentido prático para encontrar livros atraentes para o leitor são entendidos, em termos nativos, como “olfato” editorial, uma capacidade lida como indivíduo, mas construída coletivamente no espaço da produção editorial (SAFERSTEIN, 2016). Explorar as lógicas internas de produção editorial, as práticas e representações de seus atores pode ser uma via de entrada frutífera para analisar como mundo editorial se torna um interventor na construção dos problemas públicos.

No caso da produção de livros de conjuntura política a nível local, Penguin Random House é a editora que publicou mais títulos sobre isso no período, seguida pela Planeta (SAFERSTEIN, 2016). Os títulos que abordam a temática da corrupção são maioria, ficando a cargo de jornalistas políticos e investigativos contratados pela Planeta e publicados em sua histórica coleção *Espelho da Argentina*. Desde a década de 1990, esses tipos de livros com vendas elevadas posicionaram a corrupção como um problema público. Motorizados pela mídia e pelas grandes editoras, jornalistas,

especialistas, juízes e forças políticas fizeram da transparência uma “bandeira” da “luta contra a corrupção” (PEREYRA, 2013; VOMMARO E BALDONI, 2012), o que possibilitou que seus atores se tornassem figuras de referência. A preponderância no ranking de vendas de livros de não ficção, e particularmente aqueles que cobrem aspectos da política atual e do passado recente do país, explica os interesses do público leitor, cujo consumo cultural pode estar relacionado a identidades e compromissos políticos dos setores dos meios. Além disso, os temas de história e política ocupam os primeiros lugares nas preferências dos leitores argentinos, de acordo com a Pesquisa Nacional de Hábitos e Práticas de Leitura, realizada em 2011 (MORENO, GARCÍA E SARDI, 2014).

Caracterizado como um novo “boom editorial” tanto pela imprensa argentina quanto por seus próprios editores e escritores, numerosos títulos considerados “*best-sellers* políticos” foram publicados, difundidos e consumidos por amplos setores da população entre 2003 e 2015 (SAFERSTEIN, 2016), durante o Kirchnerismo.<sup>6</sup> Além do crescimento de títulos, sua visibilidade midiática e a presença de seus autores ampliaram sua divulgação e circulação, amparados pela “engenharia editorial” dos grandes grupos. Os títulos tiveram como eixo a discussão sobre os governos de Nestor e Cristina Kirchner, sua política de direitos humanos, a figura presidencialista, a militância e os casos de corrupção. Este tipo de publicação teve sucesso não apenas na Argentina, mas em toda a região latino-americana.<sup>7</sup>

### O problema das ferrovias

A intensa dinâmica que as ferrovias de Buenos Aires tiveram em sua evolução entre 2002 e 2015 funcionou como um grande insumo para

6 O termo Kirchnerismo é usado para se referir ao ciclo de governo de Nestor Kirchner y Cristina Fernandez de Kichner que durou doze anos (2003-2015).

7 No Brasil, a disputa política e as críticas dos governos do Partido dos Trabalhadores tiveram um cenário fértil no campo editorial, com a editora Record como um de seus principais protagonistas (Nóbrega, Da Silva, 2018). Processos similares são registrados no México e na Colômbia.

a elaboração de livros que inquiriram as práticas “corruptas” de alguns funcionários dos governos kirchneristas. No caso ferroviário, as tramas entre os diferentes atores envolvidos na provisão e controle do serviço tornaram-se o foco da cena. As condições negativas de prestação do serviço atraíram a atenção social ante a necessidade de identificar causas e responsáveis por sua profunda deterioração. O caráter assumido por essas relações e sua ligação com a degradação do serviço, foram progressivamente visibilizadas na cena pública a partir de uma série de eventos notáveis. Os mais importantes, por seu peso simbólico, foram o assassinato de Mariano Ferreyra (um jovem militante de um partido de esquerda atacado no contexto de uma disputa entre trabalhadores ferroviários) e a supracitada “Tragédia de Once” (HERNÁNDEZ, 2019).

Esses eventos foram substrato para o desenvolvimento de investigações jornalísticas em que se conjugaram o avanço das respectivas causas judiciais e o “olfato” editorial para canalizá-las na produção de livros sobre o caso. Consequentemente, jornalistas e até mesmo um dos parentes de vítimas da Once escreveram livros sobre o tema das ferrovias.

Em fevereiro de 2011, veio a público *¿Quién mató a Mariano Ferreyra?* do jornalista Diego Rojas, lançado pela Planeta, que trata da situação dos trabalhadores ferroviários terceirizados no país. Rojas expõe a relação entre os sindicatos, empresas prestadoras e funcionários do governo na produção do serviço, configurando uma tríade em busca da obtenção de benefícios particulares às custas da precarização laboral. Ao mesmo tempo, o livro resgata a trajetória vital e militante de Mariano Ferreyra.

Em setembro do mesmo ano, a Planeta publicou *El recaudador. Ricardo Jaime: la cara de la corrupción en la era kirchnerista*, de Omar Lavieri (reeditado em junho de 2016), biografia não autorizada de Ricardo Jaime, que havia sido

Secretário de Transportes entre 2003 e 2009, condenado por casos de corrupção. Lavieri desvenda uma trama política corrupta que tinha a figura do Secretário como eixo central.

Em julho de 2012, quatro meses após o acidente, Planeta publicou *Once. Viajar y morir como animales*, da jornalista Graciela Mochkofsky, uma crônica dos acontecimentos imediatamente posteriores à colisão em Once. Ali, o evento é contextualizado levando em conta as condições para a prestação do serviço e as experiências das vítimas e de uma variedade de atores envolvidos na resolução da emergência.

A editora Sudamericana também abordou a questão em maio de 2015, quando publicou *Los platos rotos: Memoria y balance del Estado kirchnerista*, escrito pelos jornalistas Diego Cabot e Francisco Olivera. O livro caracteriza o Estado argentino como “obsoleto, incapaz, ineficiente e corrupto”, baseado em um olhar debruçado sobre os diferentes serviços públicos entre os quais se encontram as ferrovias.

Finalmente, em fevereiro daquele ano, a Planeta lançou *Desde mis zapatos*, de María Luján Rey, mãe de uma das vítimas do acidente em Once. O caso de Lucas Menghini Rey, filho da autora, ganhou uma visibilidade particular devido à demora de sessenta horas por parte dos serviços de emergência em encontrar seus restos mortais. O livro resgata o que foi vivenciado na busca, o luto e as implicações políticas que a tragédia teve em sua vida, ao posicionar-se como uma das referências do movimento de familiares de Once e a luta contra a corrupção em geral<sup>8</sup> (HERNÁNDEZ, 2019).

Quadro 1. Capas dos livros publicados pelas editoras Planeta e RH sobre a questão ferroviária

8 Atualmente, María Luján Rey é Deputada Nacional pela Província de Buenos Aires pela coalizão política “Juntos por el Cambio” que é uma força oponente aos governos peronistas. Os que foram de Nestor e Cristina Kichner e a gestão em função do Alberto Fernández.



Fonte: *World wide web*

Esses livros consideram a questão da corrupção no sistema ferroviário como um eixo transversal. Eles foram encomendados e publicados em um curto período de tempo como uma reação editorial a eventos conjunturais com tratamento midiático. Isso os coloca na categoria de “*instant books*”, livros fugazes que buscam um impacto massivo. Em geral, esses são produtos cujas ideias surgem dos próprios editores (SAFERSTEIN, 2016).

Os *instant books* são publicados pelas grandes editoras que contam com uma estrutura que lhes oferece uma capacidade de erro e manobra que as pequenas editoras não podem enfrentar. Segundo o diretor do Planeta, esse tipo de livro enfrenta o risco de que “... por um lado, o tema se esgote nos jornais e, por outro, que termine quando o livro ainda está sendo lançado” (PICABEA, 2008). Trabalha-se de acordo com critérios mais comerciais análogos aos do setor jornalístico.

Os livros de Rojas, Mochkofsky e Rey estão ancorados em acontecimentos pontuais no sistema ferroviário. Eles são o resultado da “engenharia editorial” posta em marcha para transformar, de forma rápida e oportuna, eventos trágicos em livros. Ao mesmo tempo, a

análise desses casos são expressão da dinâmica da conjuntura política em geral. Em particular, o livro de María Luján Rey, por ser uma narrativa autobiográfica na qual a autora recupera sua experiência como mãe de uma vítima, assume uma matriz particular. Isso reforça a linha argumentativa do livro, mas põe em tensão a categoria de “*instant*”, já que sua publicação não está vinculada à proximidade cronológica do evento, mas sim a um aniversário do acidente.

Por outro lado, os livros de Lavieri e Cabot e Olivera partem do pressuposto de que a política argentina está atravessada pela corrupção, abordando-a a partir de uma pluralidade de acontecimentos conjunturais que vão além do caso das ferrovias. Esses livros sistematizam uma série de eventos, notícias e dados já apresentados na imprensa e na mídia (como foram os casos de corrupção política e empresarial). O sistema ferroviário serve aos autores como um cenário exemplar para revelar e tornar observável a rede de relacionamentos corruptos a que eles querem se referir.

### **El ReKaudador, de Omar Lavieri**

Omar Lavieri é um jornalista investigativo

especializado em questões de corrupção, com uma carreira de trinta anos em vários meios de imprensa gráfica, televisiva e radiofônica de relevância nacional: Clarín, Perfil, Infobae, A24. Após 25 anos de trabalho dedicado à investigação de casos de corrupção política e empresarial, ele publicou seu primeiro e, até agora, único livro. *El Rekaudador. Ricardo Jaime: la cara de la corrupción en la era*. Este teve uma tiragem inicial de 4.000 exemplares publicados pela Planeta no *Espelho da Argentina*.

Segundo o autor, em 2008 iniciou-se a investigação sobre Ricardo Jaime, que foi Secretário de Transportes no período 2003-2009. Através de seu próprio blog e depois no programa de rádio onde trabalhava, ele tornou público o progresso de sua pesquisa. Algum tempo depois, como editor de um dos principais jornais do país, trouxe a público uma série de e-mails que comprometiam Jaime. Isso teve um impacto que resultou em treze capas sucessivas de um dos jornais de maior circulação nacional, no contexto do conflito entre o referido meio e o governo pela tentativa de mudança na estrutura do mercado de telecomunicações<sup>9</sup>.

A disputa mencionada funcionou como uma fonte de atração para a editora Planeta, que viu em Lavieri o jornalista indicado para publicar um livro sobre o caso. As trajetórias de trabalho anteriores dos editores, que em muitos casos tiveram experiências profissionais como jornalistas em redações, televisão e rádio, permitem que eles coincidam em redes de contato com os escritores que contratam. No caso analisado, sua chegada à editora se deu através de um colega jornalista que trabalhou como vínculo com o diretor da Planeta: “Quando eu revelei isso, um amigo, que é amigo de Ignacio Iraola, diretor da Planeta, me disse ‘Aqui tem um livro’, (...) Isso foi no verão de 2011 (...) Ignacio Iraola me ligou e

disse: ‘Precisamos do livro para setembro, e aí... E saiu em setembro’” (Omar Lavieri, entrevista pessoal, 2017).

Atentos à agenda midiática, os editores reconhecem as temáticas conjunturais e pensam livros em função de seu impacto.<sup>10</sup> Nessa classe de títulos, o editor prioriza o tema que pode ser combinado ou não com a trajetória do autor, uma vez que a preocupação principal é respeitar os “tempos e formas” exigidos pela editora. A necessidade de publicar, imposta pela direção das editoras, ao mesmo tempo em que se lida com o tema na mídia, leva a que o processo seja rápido por parte do autor e do editor, responsável por adaptar a escrita jornalística ao formato de livro.

Para *El rekaudador*, a Planeta contratou o jornalista especializado no assunto, por sua cobertura no jornal. Nesse sentido, contava com o material para que o livro pudesse ser publicado nos tempos exigidos. Sua falta de experiência como autor de livros não impediu sua contratação, mas a editora lhe forneceu ferramentas para escrever.

Me reuni [com o Diretor Editorial], ele me disse ‘O que você tem?’ eu disse ‘Eu tenho tudo isso’ e me ... colocou em contato com um editor que foi me guiando. Era tudo enorme, tive que encurtar, escolher alguns capítulos. Não era o mesmo, tinha boa parte do material escrito em matérias, mas tinha que aumentá-lo, apresentar melhor os personagens. Consegui algumas coisas que não tinha publicado. (Omar Lavieri, entrevista pessoal, 2017).

Como acontece com os *instant books*, os livros são co-escritos junto ao editor ou a um *ghostwriter*, um escritor profissional que não assina, mas escreve um livro assinado por outro. Assim, as ideias e discursos de uma obra são atribuídos a um único sujeito fabricado que

9 Em 2009, o governo de Cristina Fernández conseguiu aprovar a “Lei de Serviços de Comunicação Audiovisual”. Tendo em conta que o espírito desta lei procurava “desmonopolizar” o arco midiático, sua promulgação gerou tensões e disputas entre o governo e as empresas jornalísticas.

10 Essa é uma das maneiras pelas quais os editores pensam em seus livros de conjuntura política. Este olhar para as notícias e a agenda da mídia é uma contribuição fundamental. No entanto, os editores também podem atuar como criadores de tópicos que ainda não estão presentes como assunto público, promovendo sua difusão e propagação. Para uma abordagem das maneiras de trabalhar dos editores e seu papel na invenção de temas, consulte Saferstein (2016).

aparece como autor. Lavieri faz parte do grupo de jornalistas que, como complemento de seu trabalho, passaram a ter uma participação ativa no mercado editorial, cenário que lhe deu a possibilidade de se apresentar como um “especialista” em matéria de corrupção. Sua difusão midiática ganhou maior peso à medida que o caso judicial avançou, levando à prisão do ex-funcionário em 2016.<sup>11</sup> A acusação e prisão de Ricardo Jaime trouxe consigo uma reedição do livro com uma nova capa. Ao mesmo tempo, como algumas informações contidas no texto da primeira edição foram considerados no caso judicial, o livro foi apresentado, em sua reedição, como “aquele que levou Ricardo Jaime à prisão”.<sup>12</sup>

A relevância do livro comercial está ligada à circulação dos autores nos diferentes espaços nos quais seus discursos ganham maior visibilidade. Além da campanha de imprensa reforçada pelo acompanhamento do tema na mídia, é ilustrativo ver como o autor valoriza sua investigação como parte do “efeito do livro” (DARNTON, 1993). Esse efeito sustenta e aprimora a figura do autor, ocultando o processo pelo qual uma série de agentes e etapas permite que um escritor seja reconhecido como a figura criativa e responsável de um produto impresso.

Com Jaime preso, o livro adquire uma entidade diferente (...) O assunto foi recuperado [também] com a tragédia de Once (...) Havia muita gente que se referenciava no livro para explicar como tinha sido o negócio porque no livro eu também me ocupo de dois empresários corruptos especialmente, que são Otero e Cirigliano (...) Jaime foi condenado por isso que eu te disse (Omar Lavieri, entrevista pessoal, 2017).

Desde o meio editorial, os jornalistas satisfazem às expectativas de uma escrita

rápida que potencializa sua visibilidade graças à intervenção de seus autores em outros espaços midiáticos onde promovem seus próprios livros e os de seus colegas. Além disso, a publicação de um livro no momento em que o assunto está em vigor dá à editora um reconhecimento de sua capacidade de inserir-se na discussão pública. Para os jornalistas, a escrita de um livro aparece como uma oportunidade para aprofundar certas linhas de investigação que não se esgotam nas páginas midiáticas, divulgando suas próprias ideias e posições além de construir-se enquanto autor valorizado.

O livro é a possibilidade de fazer algo diferente do que você faz no cotidiano (...) Me deixou contente, não me esqueço do sentimento que tive quando os dois primeiros exemplares chegaram no rádio... fiquei muito feliz, é algo importante (Omar Lavieri, entrevista pessoal, 2017).

Além do reconhecimento que a publicação de um livro dá a seu autor e à editora, as características mencionadas em torno de sua valorização social – independentemente do fato de que, nesses casos, sejam produtos com viés comercial – fortalecem um tema que circula através da cena pública e midiática.

O livro deu ao assunto uma entidade distinta [ao tratamento na imprensa]. Porque não se esqueça que isso, em 2010, com o governo em guerra com o Clarín, muitas pessoas disseram ‘Isso é parte de ...’. Não se davam conta do que havia acontecido, não se deram [conta] do que isso significava (Omar Lavieri, entrevista pessoal, 2017).

O setor editorial é central para que o autor seja construído como referência e o livro como um artefato que funciona legal e socialmente

11 ALCONADA MON, Hugo. Omar Lavieri: «Jaime recaudaba para sí mismo y para Néstor Kirchner». *Conversaciones en La Nación*. 21 de junho, 2016. Disponível em <http://www.lanacion.com.ar/1911105-omar-lavieri-jaime-recaudaba-para-si-mismo-y-para-nessor-kirchner>

WINAZKI, Nicolás. “Jaime, símbolo y pionero de los cualidades del kirchnerismo”. *Clarín*, 3 de abril, 2016. Disponível em [https://www.clarin.com/politica/jaime-simbolo-pionero-cualidades-kirchnerismo\\_0\\_V1zxBBFRI.html](https://www.clarin.com/politica/jaime-simbolo-pionero-cualidades-kirchnerismo_0_V1zxBBFRI.html)

12 “El Rekaudador”, el libro que llevó a Ricardo Jaime a prisión, *Infobae*. 11 de junho, 2016. Disponível em <http://www.infobae.com/politica/2016/06/12/el-rekaudador-el-libro-que-llevo-a-ricardo-jaime-a-prision/>

como “prova” que permite verificar uma rede particular de corrupção.

Eu batizei a tragédia de Once como um caso de corrupção seguido de morte, eu disse no rádio no primeiro dia, 22 de fevereiro de 2012, porque, obviamente, eu tinha escrito um livro onde eu dizia isso. Há um monte de casos em que fica claro que a corrupção mata, (...) neste caso está provado, e acho que boa parte do que ajudou a provar foi escrito antes, eu escrevi e muitas pessoas, eu fiz o livro (Omar Lavieri, entrevista pessoal, 2017).

Neste sentido, a explicação do *Rekaudador* não termina com a ideia do que é um livro instantâneo meramente comercial. Além disso, trata-se de uma obra atribuída a um autor e uma editora, que cobra relevância social no que diz respeito à visibilidade e à circulação de um tema e de uma referência no espaço público.

### O acontecimento de Once 22/2, Graciela Mochkofsky

Num contexto em que as ferrovias metropolitanas vinham sendo palco de grandes acidentes com forte repercussão midiática, o caso do Once se converteu no corolário da instalação da questão ferroviária na cena pública. Como aconteceu com o caso de Jaime retratado no livro de Lavieri, em sintonia com a imprensa e o âmbito judicial, as grandes editoras abordaram o acidente com rapidez e eficácia. *Once: viajar y morir como animales* de Mochkofsky, foi publicado em julho de 2012, com uma tiragem de seis mil exemplares, também como parte da coleção *Espelho da Argentina*. A Planeta publicado 4 meses e 8 dias após o acidente, ocorrido em 22 de fevereiro. Uma reação rápida a um evento disruptivo que se tornou uma oportunidade para um editorial com a estrutura necessária para aproveitá-lo. Como os membros do grupo afirmam, “Você tem que ter

uma rede de distribuição em todo o país com um nível de logística relativamente rápida. A Planeta tem isso; há editoras que podem fazer isso e outras que não podem” (Gerente de Marketing, entrevista pessoal, Planeta, 2013).

Graciela Mochkofsky estava trabalhando em um livro para a Planeta quando o acidente aconteceu, fazendo-a mudar o curso de seu trabalho. Houve uma decisão editorial e autoral de deixarem de lado o projeto que vinha sendo realizado para passar à elaboração de um livro sobre o Once. A atitude reativa da editora se conjugou com a oportunidade de que Mochkofsky aceitasse a escrita do livro em um curto espaço de tempo. A jornalista tem uma extensa trajetória na imprensa, no mercado editorial e na academia de jornalismo. Ela integrou as redações de jornais e revistas de renome, tanto nacionais quanto internacionais, e conta com uma profusa produção de livros<sup>13</sup>. Desde 2015, dirige o mestrado em jornalismo em espanhol na prestigiada City University of New York (CUNY). Seu percurso coloca-a em uma posição de referência dentro do setor jornalístico.

A publicação de livros escritos por autores reconhecidos funciona como um plus que confere maior legitimidade ao objeto em questão. Para seus editores, esses trabalhos baseiam-se em uma lógica que medeia entre a busca por desempenho comercial e a visibilidade e o reconhecimento. A manifesta vocação de intervenção pública e valorização da profissão jornalística dá ao livro e à editora um lugar legítimo que excede sua pretensão comercial (BALDONI, 2010).

A publicação de livros escritos por autores reconhecidos funciona como um *plus* que confere maior legitimidade ao objeto em questão. Para seus editores, esses trabalhos baseiam-se em uma lógica que medeia entre a busca por desempenho comercial e a visibilidade e o reconhecimento. A manifesta vocação de intervenção pública e

13 Ela fez parte da equipe editorial da *Página / 12* e *La Nación*, foi colunista do *Perfil*, de *El País* (Espanha). Foi colaboradora das editoras de revistas *The Paris Review*, *The New Yorker*, *Letras Libres*, *Label Negra*, *Gatopardo*, *SOHO* e *TheClinic* e da revista digital *El puercoespín*. Publicou, entre outros, *Timerman, el periodista que quiso ser parte del poder* (1923-1999) (Sudamericana, 2003), *Tío Boris, un héroe olvidado de la Guerra Civil Española* (Sudamericana, 2006) e *Pecado Original. Clarín, los Kirchner y la lucha por el poder* (Planeta 2011).

valorização da profissão jornalística dá ao livro e à editora um lugar legítimo que excede sua pretensão comercial (BALDONI, 2010).

Esse posicionamento é observado na fala da autora, aliado à sensibilidade do caso do acidente que operou como mobilizador e motivador da escrita. A tragédia ferroviária interpelou-a pessoalmente para avançar na investigação, ao passo em que contribuiu com a criação de uma oportunidade para a editora ao mobilizar leitores em potencial. A combinação desses elementos contribuiu com a elaboração de um produto editorial, comercial e simbolicamente eficaz para a editora, para a autora e para seus públicos.

O acidente foi em 22 de fevereiro. Eu fiz o livro exatamente em três meses. Quando o acidente aconteceu ... Eu, na verdade, estou indo para o meu sexto livro e isso geralmente me leva um bom tempo. Até seis anos eu precisei para um livro e estava trabalhando em um livro de fôlego também quando isso aconteceu; me comoveu tanto e eu pensei que havia uma história importante para contar.<sup>14</sup>

A partir da visão da autora de que o livro podia ser preparado e publicado em um período próximo ao dos acontecimentos permitiu a obtenção de um produto que contribuísse para a dinâmica pública em torno de um assunto com plena vigência: “Também achei interessante que o livro aparecesse e escrever esta história para o momento em que permanece sendo um tema de debate público. Para fornecer alguma informação que servisse para este debate”.<sup>15</sup>

O livro reconstrói o acidente de Once a partir das histórias de dez afetados pela colisão, condensadas na seção intitulada “Crimes”. Na segunda parte, as seções “Culpas” e “Punições”

dão conta de por que aconteceu e quais foram as responsabilidades atribuída à sua produção. Além de contribuir para identificar a cadeia de fatores que atuaram como precipitantes do acidente, o livro preocupa-se em contribuir para a elucidação dos elementos estruturais que levaram o sistema ferroviário a se tornar o cenário de um acidente dessa envergadura: “a segunda parte da investigação é a história mais político-ideológica empresarial que explica as razões que levaram a isso”.<sup>16</sup>

Para a autora, a frase “corrupção mata” teve a capacidade de desentranhar os elementos que contribuíram com a degradação do serviço e que são o pano de fundo para a produção do acidente.

Há uma boa ideia: “isso é por causa da corrupção, a corrupção mata”. Bom, sim. A corrupção mata. Então eu tenho a investigação sobre a corrupção e como se roubou, as suspeitas que existem sobre como o dinheiro do subsídio foi roubado nesses dez anos. Isso é possível devido ao cinismo empresarial e político (Graciela Mochkofsky, em Rojas, 2012).

A chave de leitura que a autora espera obter daqueles que recebem seu livro é instalar uma denúncia, uma “prova” que, além de intervir no sistema político e judicial, também possa desafiar seus leitores a partir de uma dimensão emocional.

O que mais importa para mim é que o livro seja lido, é uma denúncia que eu quero que comova e indigna (...). É ambicioso, mas eu gostaria que as pessoas que viajam no Sarmiento ou passam por coisas assim sintam que sua vida é contada nesta história.<sup>17</sup>

Ao contrário do caso de Lavieri, que

<sup>14</sup> ROJAS, Diego. Entrevista a Graciela Mochkofsky. *Plaza de mayo*, julho de 2012. Disponível <http://www.plazademayo.com/2012/07/graciela-mochkofsky/>

<sup>15</sup> ROJAS, Diego. Entrevista a Graciela Mochkofsky. *Plaza de mayo*, julho de 2012. Disponível <http://www.plazademayo.com/2012/07/graciela-mochkofsky/>

<sup>16</sup> ROJAS, Diego. Entrevista a Graciela Mochkofsky. *Plaza de mayo*, julho de 2012. Disponível <http://www.plazademayo.com/2012/07/graciela-mochkofsky/>

<sup>17</sup> ROJAS, Diego. Entrevista a Graciela Mochkofsky. *Plaza de mayo*, julho de 2012. Disponível <http://www.plazademayo.com/2012/07/graciela-mochkofsky/>

apresenta o livro como uma investigação neutra, a autora de *Once* aponta claramente para uma intencionalidade e contribui com sua posição através da crônica, um tom próximo ao leitor sem abandono dos “dados” e da denúncia.

O trabalho até aqui mostra que existem diferenças entre os dois livros estudados que foram publicados pela mesma editora em relação ao papel do autor e ao processo de produção e contratação. No caso de Lavieri, um jornalista editorial que vinha acompanhando uma investigação sobre corrupção com visibilidade na principal mídia opositora (*Clarín*) é contratado por uma editora, que assim consegue se posicionar sobre o assunto e expandir sua visibilidade. No caso de Mochofsky, há uma autora já reconhecida no espaço editorial e jornalístico como autora de livros. Este atua em ela como uma fonte de autoridade simbólica que permite lhe posicionar sobre o assunto em questão como uma referência independente, alheia à lógica das frações políticas em conflito. Nesse sentido, o livro é considerado um projeto que teve como objetivo visibilizar uma temática e promover a discussão a partir de um rol independente, externo às partes envolvidas.

Levando em conta esses casos, é possível observar como o sistema editorial consegue articular um tema presente na arena midiática com um livro escrito por autores com reconhecimento dentro do espaço em que eles intervêm, com a finalidade de assentar uma posição. No caso do sistema ferroviário, as editoras retomaram e reforçaram a visão sob a qual este se tornou um problema público.

Eu gosto de desmascarar um cara que está fazendo o mal. E os políticos roubam. Nunca foi tão claro quanto o que foi o acidente de trem em *Once*, que a corrupção realmente mata, cara. E esses filhos da puta roubam. Eu cresci com um profundo desprezo pela questão política, então eu gosto de procurar suas merdas e quando você a encontra e publica, é realmente bom (...) Eu estou procurando os flancos corruptos ou feios que eu não gosto no macrismo para expor num livro, como eu fiz com o kirchnerismo. (Diretor Editorial 4, Planeta, entrevista pessoal, 2016)

Na postura do diretor da Planeta, podem-se ler, por um lado, a intenção particular do editor e seu olfato para intervir, através de seu catálogo, em um problema específico, neste caso, as consequências mortais da corrupção. Este editor propõe uma visão “apolítica” e “a-histórica” que não gera dissonância com a orientação comercial da empresa e a famosa coleção *Espelho da Argentina*. Essa vocação de intervenção e crítica converge com as capacidades da Planeta, com o poder de alcançar as livrarias e os meios de comunicação em todo o país. Essa articulação é reforçada levando-se em conta a coleção na qual os casos mencionados foram publicados, *Espelho da Argentina*, cujas marcas são muito características (livros dos conjuntura política escritos pelos jornalistas). Desta forma, o posicionamento do diretor editorial supracitado é evidenciado nesses livros e nesta coleção, mas está associado e coincide com a orientação comercial contida em *Espelho da Argentina* e no Planeta desde seu surgimento.

## Conclusões

A análise apresentada neste artigo nos permite avançar sobre alguns argumentos que têm sido ignorados quando se pensa nos problemas públicos. Em primeiro lugar, além do jornalismo, usinas culturais como o setor editorial foram relevantes na mobilização dos debates políticos que atravessaram o grande público nos últimos anos. Os editores materializaram em livros concretos as discussões e debates políticos e participaram do sistema de consumo cultural, canalizando com sucesso as posições políticas dos leitores por meio de segmentos de livros de curto prazo, de temas e eventos com potencial de impacto. Assim, este espaço interveio nas discussões, materializando em livros de sucesso, as controvérsias suscitadas como fruto de diferentes temáticas. Um exemplo disso é a questão do sistema ferroviário, que se ancorou efetiva e transversalmente sobre uma heterogeneidade de receptores.

A cultura opera ativamente no âmbito

dos problemas públicos e o mercado editorial é um ator relevante: publica livros que podem ter sido levados em consideração como fontes de processos judiciais ressonantes, avaliados como documentos históricos ou como meio de apresentar social e publicamente um tema. Juntamente com a imprensa e outros espaços de produção, forma um sistema de comunicação que instala temas e posiciona seus porta-vozes.

Os casos trabalhados mostram que a visão proposta pelos livros, reforça a ideia de que a corrupção tem sido instalada como tema desde a década de 1990, a partir da intervenção de uma rede de atores entre os quais se destacam as indústrias culturais. Com esses casos, pode-se constatar que o espaço editorial assumiu a questão das ferrovias como uma oportunidade potencial não apenas de atingir o imperativo de “vender livros”, mas que ajudou a desenvolver, reproduzir e consolidar a ideia acerca da corrupção como tema que atravessa a política e a vida pública. Os modos de produção e difusão editorial, a relação entre editores e autores, a circulação dos livros e a construção da figura do autor revelam um potencial de intervenção pública do espaço editorial que deve ser levado em consideração.

A “corrupção mata” foi uma fórmula política bem-sucedida tanto para instalar a questão ferroviária ao motorizar e interpelar o sistema jurídico e governamental no que tange ao caso específico, quanto para impulsionar ações voltadas a intervir no problema da corrupção em diferentes âmbitos que dizem respeito à vida política local e que excedem o sistema de transporte. Em relação à primeira dimensão, esses sistemas responderam avançando, por um lado, na resolução do caso judicial e, por outro, na produção de respostas estatais sob a forma de políticas públicas voltadas à hierarquização e modernização do serviço de transporte ferroviário de passageiros o que melhorou sua qualidade. Em relação ao segundo, a mudança na força política do governo do estado o que aconteceu em 2015 com a chegada de Mauricio Macri ao poder, oponente os governos anteriores, abriu a oportunidade para as famílias das vítimas serem relacionadas a projetos promovidos pelo

Poder Executivo, orientados à implantação de políticas de transparência e erradicação de práticas de corrupção que foram construídas em confronto aberto com as gestões do governo precedentes. María Luján Rey foi uma das principais referentes de este processo.

Até aqui, tudo exposto permite sustentar que a capacidade de os grandes grupos editoriais de produzir livros sincronizados com os ritmos da conjuntura evidencia a potência que tem o objeto livro que, devido às suas características e dinâmicas próprias, precisa ser levado em conta para a análise da ligação entre cultura e política em geral.

### Referências bibliográficas

BALDONI, Micaela. Las transformaciones de los medios de comunicación y el periodismo político durante la década del ochenta y del noventa en Argentina: un recorrido por las trayectorias profesionales de Jorge Lanata y Luis Majul. Em: VI JORNADAS DE SOCIOLOGÍA DE LA UNLP. La Plata: UNLP, 2010.

\_\_\_\_\_. “La disputa entre periodismo independiente y periodismo militante: apuntes para analizar las tensiones en la ética periodística en la Argentina contemporánea”. *Quórum Académico*, Venezuela, Facultad de Humanidades y Educación, Centro de Investigación de la Comunicación y la Información, Universidad del Zulia, n. 2, vol.9, pp. 213-245, 2012.

BOURDIEU, Pierre. La influencia del periodismo. *Causas y azares*, 3, 1996, pp. 55-64

\_\_\_\_\_. Una revolución conservadora en la edición. Em \_\_\_\_\_. *Intelectuales, política y poder*. Buenos Aires: Eudeba, 2010. p. 223-270.

DARNTON, Robert. “La France, ton café fout le camp!”: De l’histoire du livre à l’histoire de la communication. *Actes de la recherche en sciences sociales*, 100(1), 1993, pp. 16-26.

DUJOVNE, Alejandro. “Frankfurt, hablame

- de mí”, *Anfibia*, Universidad Nacional de San Martín. Maio/2016. , Disponível em <http://www.revistaanfibia.com/ensayo/frankfurt-hablame-de-mi/>
- FRIGERIO, Luis.” La construcción de problemas sociales: cultura, política y medios de Comunicación”. *Comunicação e Política*, 4(2), 137-149, 1997. Disponível em: [http://www.alejandrofrigerio.com.ar/publicaciones/religion/Frigerio\\_Construccion\\_Problemas\\_Sociales\\_1997.pdf](http://www.alejandrofrigerio.com.ar/publicaciones/religion/Frigerio_Construccion_Problemas_Sociales_1997.pdf)
- GUSFIELD, Joseph. *La cultura de los problemas públicos. El mito del conductor alcoholizado versus la sociedad inocente*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2014. 352p.
- HERNÁNDEZ, Candela. *Las vías del poder social. Límites y potencialidades a la capacidad asociativa de los usuarios/pasajeros del sistema metropolitano de transporte público colectivo (2002-2017)*. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Faculdade de Ciências Sociais, UBA, Buenos Aires, 2019
- LOSEKE, Donnelly. *Thinking about social problems. An introduction to constructionist perspectives*. New York: Aldine de Gruyter, 2011. 224p.
- NOBREGA DA SILVA, Leonardo. “O mercado editorial e a Nova Direita brasileira”, *Teoria e Cultura*, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Juiz de Fora, num. 13, vol. 2, p. 73-84, 2018.
- MORENO, Hilario, GARCÍA, Santiago e SARDI, Valeria, eds. *Lectores, libros, lecturas: cambios en las prácticas y hábitos de lectura: incluye los resultados de la Encuesta nacional de hábitos y prácticas de lectura 2011*. Buenos Aires: Secretaría de Cultura, Presidencia de la Nación, 2014.
- MUNIZ JR, José de Souza e SAFERSTEIN, Ezequiel. “Práticas editoriais e regimes de genericidade: uma proposta teórico-metodológica a partir dos livros de conjuntura política”. Em: X SIGET. Córdoba, UNC, 2019.
- PEREYRA, Sebastián. *Política y transparencia: la corrupción como problema público*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2013. 328p.
- PICABEA, María. Las editoriales se reacomodan ante la crisis con el “instant book”. L. 21 de dezembro, 2008. Disponível em <http://edant.clarin.com/diario/2008/12/21/sociedad/s-01826488.htm>
- REY, María Luján. *Desde mis zapatos: diario de una madre después de la tragedia de Once*. Buenos Aires: Planeta, 2015. 280p.
- SAFERSTEIN, Ezequiel. *La década publicada. Los best sellers políticos y sus editores: producción de libros, difusión de temas e intervención pública en el mercado editorial argentino (2003-2015)*. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Faculdade de Ciências Sociais, UBA, Buenos Aires, 2016.
- SORÁ, Gustavo. “Edición y política. Guerra fría en la cultura latinoamericana de los años ‘60”. *Revista del Museo de Antropología*, Universidad Nacional de Córdoba, num. 1, p. 97-114, 2008..
- THOMPSON, John. *Merchants of culture. The publishing business in the twenty first century*. New York: Plume, 2012. 464p.
- TUCHMAN, Gaye. Making news by doing work: routinizing the unexpected, *American Journal of Sociology*, University of Chicago, vol. 79, n. 1, p. 110-131, 1973
- VALCARCE, Federico. “El trabajo periodístico y los modos de producción de la noticia: el tratamiento de la inseguridad en la prensa argentina”. *Question*, Facultad de Periodismo, Universidad Nacional de La Plata, num. 7, vol. 1, p. 1-22, 2005.
- VOMMARO, Gabriel e BALDONI, Micaela. Bernardo y Mariano: las transformaciones

del periodismo político en Argentina de los años ochenta a los años noventa. *Medialogos*, Universidad Católica de Uruguay, p. 59-81, 2012.